



PORTUGAL EM *CHAN* E *GRIAL* COMO PROJECTOS CULTURAIS GALEGUISTAS: 1969-1971¹

Roberto López-Iglésias Samartim
Grupo GALABRA
Universidade de Santiago de Compostela

Chan e *Grial* representam projectos parcelarmente diferentes no conjunto do sistema cultural galeguista e, ao tempo, apresentam similitudes de diversa índole. Tendo em foco os tradicionais papéis jogados por Portugal para o galeguismo historicamente considerado, o presente trabalho pretende dar a conhecer os diferentes repertórios e transferências procurados por cada um desses meios e o lugar e funcionalidade que se lhes atribui, interpretando o sentido e alcance de cada um e comparando os resultados colocados em diálogo co projecto cultural pretendido polos agentes e grupos que promovem estas duas publicaçõs.

Tomamos como balizas 1969 e 1971 porque constituem o espaço temporal em que sai publicada em Madrid a revista *Chan* e porque nestes três anos os grupos e agentes que intervenhem no sistema cultural galeguista em construçom aproveitam da relativa abertura produzida no fim do franquismo — lembremos que a Ley de Prensa do Ministro de Información y Turismo Manuel Fraga Iribarne é de 1966— para se posicionarem no sentido de melhor efectivarem no futuro próximo os seus vários projectos político-culturais para a Galiza.

Caracterizaçom geral

Desde a morte de Castelao no exílio em 1950, coa conseguente auto-dissoluçom do Partido Galeguista e o empenhamento na linha culturalista polo galeguismo do interior fundador da editorial Galaxia nesse ano, hai que aguardar até a década de sessenta para observar a criaçom de estruturas institucionais activas no campo político-cultural da Galiza: em 1961 nascem

¹ A presente comunicaçom constitui a analise dumha parte do corpus com que até o momento conta o projecto subsidiado pola Junta da Galiza (PGIDT01PXI20414PR) intitulado *Portugal e o Mundo Lusófono na Literatura Galega das Últimas Três Décadas*.

duas associações culturais de orientação nacionalista, O Galo em Compostela e O Facho na Corunha; em 1963 o nacionalismo de esquerda funda o Partido Socialista Galego (PSG) e o Consello da Mocidade, e em 1964 a Unión do Pobo Galego (UPG); coa criação destas organizações partidárias, somadas a um maioritário Partido Comunista de España (PCE), está configurada já a oposição política mais activa ao regime franquista na Galiza.

Para além disto, esse ano de 1963 é unanimemente considerado como umha data fundacional polo que significa para o sistema a nova etapa de *Grial*, publicada por Galaxia originariamente como cadernos monográficos e suspendida por decisão governamental em 1952, e pola autorização concedida à Real Academia Gallega (RAG) para a celebração do centenário da publicação de *Cantares Gallegos*. Com esta tomada de posição, a Academia inicia o processo de institucionalização da literatura galega através da celebração do *Dia das Letras Galegas* e inicia também umha relativa presença até o momento desconhecida no campo cultural galeguista mas, dito seja de passagem, nem por isso consegue impor a sua autoridade aos agentes mais activos do campo: nem a um nacionalismo (principalmente a UPG) que a acusa de formalista, folclorista e inoperante, e que negará durante anos a legitimidade da Academia tanto para designar a figura homenageada cada 17 de Maio como para elaborar a fixação normativa do galego, nem mesmo as instituições universitárias (o Instituto de la Lengua Gallega - ILG) que, como adiante apontaremos, também discutem na altura autoridade da RAG neste último ponto.

A configuração das alternativas político-culturais ao regime franquista nom pode esquecer o que significou a revolta estudantil universitária na Compostela de Março de 1968. Este movimento foi alentado à marge do sindicato oficialista por grupos da esquerda como a UPG e, sobretudo, polo PCG, criado nesse mesmo ano como filial do PCE, e tivo como efeito mais notável o aparecimento do movimento da Nova Canción Galega —canção— protesto de êxito popular e apoiada maioritariamente polo PC.

Para além disto, nestes três anos vários sucessos de orde institucional vam influir decididamente na configuração e nas tomadas de posição dos vários agentes inseridos num campo cultural claramente heterónimo com respeito ao campo do poder. Referimos aqui simplesmente a promulgação da Ley General de Educación do ministro Villar Palasí em 1970, polo que esta significa de abertura de novas expectativas sobre o possível enquadramento das várias realidades lingüísticas nacionais no estado espanhol. Na seqüência desta lei, que reconhece a possibilidade de implantação das línguas “nativas” no sistema de ensino obrigatório, o sistema literário assiste à publicação de numerosos materiais pedagógicos em galego, e sobretudo, ao debate sobre a sua fixação normativa, acentuado a raíz da publicação em 1970 das Normas ortográficas promulgadas por umha RAG onde salienta a presença de membros de Galaxia ou pessoas afins. Estas normas som celebradas e recensionadas polas publicações da época (também por *Chan* e *Grial*), mas som também imediatamente contestadas nestas mesmas publicações e corrigidas por outras instituições que se posicionam na altura dentro do campo político-cultural e científico, como o ILG, criado em 1971 na universidade compostelá, que publica nesse ano o seu método de aprendizagem *Gallego 1*

e, utilizando o capital simbólico da instituição universitária, impugna a autoridade da Academia em matéria de fixação do código para o galego.

Dos vários grupos que actuam no campo literário galego de 1969 a 1971 é sem dúvida Galaxia a instituição mais decisiva. Tal como afirmam Cordeiro Rua e Rdez. Prado (2002), cujo trabalho acompanhamos, Galaxia posiciona-se no sistema como principal agente editorial, controla o mercado coa maioria da produção e articula substantivamente a configuração dum cânone para literatura galega através da reedição e antologização dos nomes mais representativos do Ressurgimento decimonónico galego; o seu papel totalizador leva também a Galaxia a editar ensaio em galego, poesia na colecção “Salnés” e narrativa na colecção “Illa Nova” (onde som publicados autores que fazem parte das gerações mais novas como Casares ou Alfaya, e outros já consagrados como Neira Vilas)²; e ainda devemos apontar a episódica intervenção de Galaxia nos campos culturais de nova construção, como na música através da participação na produção —em parceria coa Barcelonesa Edigsa em 1967— dos insucessos intérpretes cataláns Luis Olivares e Jacinta, primeiro disco gravado em galego e precursor do que depois seria o movimento da Nova Canción.

Os repertórios da poesia social-realista dominam o campo literário galeguista de 1969-1971 e gozam também dum relativo sucesso em sectores alargados do público estatal por causa da sua componente de denúncia dumha situação social opressiva comum a todo o Estado. Pensamos que assi devem ser entendidas as publicações bilingües da *Escolma poética* de Manuel María na editora Rialp de Madrid com prólogo de Basilio Losada, as várias reedições da *Longa noite de pedra* de Celso Emilio na barcelonesa colecção El Bardo, ou inclusivamente a edição na luguesa Celta do também bilingüe *Xuntos cara o mañán* de Xesús Rábade Paredes prologado por M^a Victoria Moreno Márquez (a antóloga dos *Novísimos* em 1972), por colocar apenas três exemplos tirados de 1969. Devemos apontar ainda que para o êxito crescente desta poesia social-realista desde finais da década de sessenta contribuírom os autores da Nova Canción Galega, que escolhiam para os musicarem textos destas características. Por outro lado, estes repertórios social-realistas som criticados por um destacado membro do grupo vindo do galeguismo de pré-guerra agrupado em volta de *Grial*, Ricardo Carballo Calero, quem, no número 34 de *Chan*, avisa sobre a necessidade de superar o que entende como limitações dos repertórios social-realistas triunfantes na altura e propom abrir novas vias na produção poética do protossistema literário galego³ por meio da recuperação de modelos clássicos como os ensaiados nos inícios de sessenta por Diaz Castro:

Aquela poesía existencialista, ou relixiosa, que tan pedantes i entangarañados fritos dou na posguerra no noso país, logo abafada pola poesía de dimensión social, contiña un xerme saudable que non se desenrolou pola constricción de prexucios escolares. [...] Cando cesen as voces uniformes, a berrar as monotonías de moda, ouservarase que, indiferente aosorros escolares que ao seu carón xuntaban as voces infantís, xa en 1961 Xosé Díaz Castro restaura

² Para umha visom mais completa do panorama editorial galego desta altura vid. Cordeiro Rua e Rdez. Prado (2002).

³ Para este conceito vid. Torres Feijó (2002).

a poesía total, inaudita desde Cabanillas. (“Poesía total e poesía parcial”,
Fevereiro de 1971: 49)

Grial

A prevalência de Galaxia no campo literário galeguista de 1969 a 1971 observa-se ainda no terreno das publicacións periódicas, onde a trimestral *Grial. Revista galega de cultura*, codirigida por Ramón Piñeiro e Francisco Fdez. del Riego, é de referència obrigada como meio de expressom da elite cultural galeguista tanto no panorama peninsular como nos enclaves galegos de ultramar (*vid.* Villarino Pardo 2003). Despois da já apontada e frustrada tentativa de 1950, *Grial* reaparece em 1963 co objectivo, explicitado anos mais tarde por um dos seus máximos artífices, Francisco Fdez. del Riego (1996: 67-68), de:

aguilhoar internamente a cultura propia e facela patente fóra de Galicia, por unha banda; pola outra, incorporar ó ámbito galego, a través da lingua autóctona, os valores das demais culturas. Fronte á hipertrofia do nacionalismo estatal, imperante desde a Guerra Civil, tentábase evidenciar a apertura universal da nosa cultura.

Com efeito, estes princípios orientam os trabalhos dos homes agrupados em volta do projecto culturalista que significa Galaxia e que tenhem em *Grial* o seu principal meio de expressom. Nas páginas da revista confluem destacados representantes da Geraçom Nós e do galeguismo republicano como Otero Pedrayo, Cuevillas, Cabanillas ou Maside, com indivíduos das geraçoms mais novas como Xaime Isla, Xohan Ledo, Emílio Álvarez Blázquez ou Marino Dónega, configurando grande parte do galeguismo activo na altura. Em *Grial* intervenhem, pois, os agentes mais prestigiados do sistema literário galego (e progressivamente jovens promessas do galeguismo como Carlos Casares ou Méndez Ferrín) ensaiando sobre questons de índole diversa (lingüística, literária, histórica, filosófica...) mas prestando sempre especial atençom às referidas ao mundo cultural galego-luso-brasileiro. Destaca assi mesmo nas páginas de *Grial* a participaçom de agentes doutros sistemas, nomeadamente do português —nesses anos sobretudo Rodrigues Lapa e Montezuma de Carvalho—, por mais que tamém tenha umha considerável presenza nas páginas de *Grial* a literatura espanhola (em menor medida a catalá e a basca), assi como a inglesa, a francesa, a italiana ou a alemá —estas últimas já do gosto da gente de Nós.

Grial posiciona-se no campo cultural do galeguismo procurando um público restrito com um elevado capital cultural, daí que dedique especial atençom a campos artísticos tradicionalmente prestigiados como a literatura, a pintura, a escultura, a música culta, o folclore, ou a arqueologia. Consciente da ausência doutras plataformas institucionais para a cultural galega, *Grial* quer desempenhar um papel totalizador, como se desprende dos diferentes apartados em que a revista está estruturada. Assi, nas secçoms de ‘Ensaíos’, nos artigos e traduçoms recolhidas na ‘Peneira dos dias’, na ‘Escolma’

de criação literária, nas recensões de ‘Libros’, no ‘Rego da cultura’ ou nas ‘Notas’ informativas que fecham cada volume, encontramos trabalhos de diversa natureza mas sempre com um denominador comum: a universalização da cultura galega por via erudita e, neste sentido, destaca o papel fundamental que para tal fim jogam as transferências do sistema português. Por isso, para aproveitar as potencialidades de reforço e legitimação do protossistema cultural galego que supom a homologação dentro dum intersistema galego-luso-brasileiro (*vid.* Torres Feijó 2002), *Grial* dá notícia habitualmente das realizações culturais de Portugal e do Brasil, e insiste na reivindicação dum passado comum dourado nom apenas para a língua galega (elemento fundamental da uniom galego-portuguesa para os intelectuais de *Grial*), mas também para outras realizações culturais prestigiadas. Neste sentido, e a maneira de exemplo, é significativo o trabalho “O pintor Nuno Gonçalves e unha pintura galego-portuguesa” assinado co pseudónimo Salvador Lorenzana e publicado no número de Abril-Junho de 1969 (pp.185-195), porque aqui Fdez. del Riego explicita o dito acima afirmando que:

a obra de Nuno Gonçalves interésanos polos vencellos que poidera ter cunha tradición pictórica galego-portuguesa. [...] Os galegos non podemos deixar de estudar a Nuno Gonçalves; e inda que non fora por outras razóns, teríamos que o faguer ó menos como documento de psicoloxía étnica. Importanos o de estética conxénita da xente atlántica que poida haber na súa arte. (*Grial* 1969, 24: 186 e 192)

Esta ideia da identidade essencial galego-portuguesa, apoiada no carácter substancialmente atlántico de ambos povos, reforça-se através de outros elementos comuns (como os costumes ou a língua) na apropriação feita por Fdez. del Riego das palavras escritas polo português José de Figueiredo em 1919 (*Arte portuguesa primitiva. O pintor Nuno Gonçalves*):

Galicia e Portugal son dúas partes integrantes da mesma raza, non só co mesmo clima e as mesmas tradicións, senón tamén cos mesmos costumes e a mesma língua, afastadas polo acaso da política [...]. (*Grial* 1969, 24: 193)

Ainda no que di respeito à função que as transferências do sistema português ocupam na revista, é necessário dizer que *Grial* vincula agentes legitimadores fortes como Camões, Pessoa ou Teixeira de Pascoaes coa Galiza; recorre a numerosas transferências do Brasil nas figuras principalmente de Guimarães Rosa, Olavo Bilac ou Haroldo de Campos e participa nestes anos em contactos com intelectuais portugueses (nomeadamente Rodrigues Lapa) para a organização dumhas Jornadas dedicadas à Cultura Galega em Coimbra entre 18 e 23 de Janeiro de 1971 —Jornadas nom isentas de problemas tal e como se pode ver na correspondência endereçada por Lapa a Fdez. del Riego entre Agosto de 1970 e Janeiro de 1971 (Lapa 2001: 298-314).

Neste sentido, a escolha destas transferências portuguesas e brasileiras da parte de *Grial* está a indicar também quais som as normas e modelos em que o grupo de Galaxia sustém a sua proposta cultural. Por um lado,

a atençom prestada a umha figura como Teixeira de Pascoaes aponta a que som os repertórios baseados no essencialismo saudosista, já reinvidicados pola Geraçom Nós mas envelhecidos na altura no sistema português, os defendidos por este grupo como conformadores da identidade da Galiza. Por outro lado, da parte brasileira chegam elementos legitimadores que ocupam umha posiçom relativamente central no sistema literário brasileiro da altura; assi acontece com o autor de *Sagarana e Grande Sertão: Veredas*, que funciona para os homes de Galaxia como reforço prestigiado sustentado nos elementos etnográficos, antropológicos e culturais utilizados por Guimarães Rosa na elaboraçom dos seus produtos, elementos que o grupo de Galaxia reconhece à vez como modernos e como próprios da Galiza e que, sobretudo, “soio pode valorar axeitadamente o leitor de fala galego-portuguesa” (*Grial* 1971, 32: 252) (*vid.* Villarino Pardo, 2003).

Este vínculo da língua comum com portugueses e brasileiros a que fazemos referência ocupa um lugar central nas páginas de *Grial* num momento em que um dos debates fundamentais que se desenvolvem na cultura galega di respeito à codificaçom da língua e ao papel que esta deve desempenhar no sistema cultural da Galiza. Assi, nestes anos *Grial* acolhe as várias opinions que se formulam ao respeito e publica as normas da RAG de 1970 e a revisom crítica feita polo daquela presidente do ILG Constantino García um ano despois, recensiona obras tam significativas como *Idioma i prejudici* do valenciano Rafael Ninyoles, e dá acolhimento no mesmo ano de 1971 ao *Plan pedagógico galego* assinado por M. Teresa Barro, Xavier Toubes, Carlos Durán, M. Fernández-Gasalla e Fernando Pérez Barreiro-Nolla; com este *Plan*, o Grupo Galego de Londres intervém no campo literário da altura afirmando a pertença da Galiza a um intersistema cultural estendido por quatro continentes e baseado na língua como elemento aglutinante (*Grial* 1971, 32: 203):

O primeiro factor distintivo da situación bilingüe de Galicia é que o galego non é lingua minoritaria. É —ainda— a lingua da maioria do pobo galego, a de Portugal, Brasil, Angola, Mozambique e outros pobos de África e Asia.

Chan

Em 22 de Fevereiro de 1969 sai em Madrid *Chan*. *La revista de los gallegos* sob a direcçom do socialista histórico Raimundo García Domínguez (Borobó). Os 38 números publicados organizam-se em dous períodos: 33 como revista quinzenal (de 22 Fev. de 1969 a Set. de 1970) com Jesús Tobío como subdirector ou redactor chefe, e os 5 últimos já de periodicidade mensal, novo formato e Fernando Ónega a chefiar de facto a redaçom despois da reparaçom da revista em Março de 1971 até o seu desaparecimento definitivo co número 38 de Julho-Agosto desse ano. Nestas duas etapas, *Chan* contou com umha longa e mui heterogénea listage de colaboradores: Manuel Blanco Tobío, José Fdez. Ferreiro, Juan Antonio Porto, José Fariña Jamardo, Fernández Oxea; Perfecto Conde Muruais, Xesús Alonso Montero, Gómez Ledo, Antonio Odriozola, Concha Castroviejo, Manuel Torre Iglesias,

Otero Pedrayo, Ánxel Fole e muitos outros, entre os quais, unicamente na segunda etapa, Valentín Paz Andrade, Ricardo Carballo Calero, Carlos Glez. Reigosa, Xesús Rábade Paredes, Armesto Faginas ou Xesús Pérez Varela.

Esta variada nómina de colaboradores, integrando um espectro político alheio ao nacionalismo de esquerdas mas onde destacam militantes do PC como Alonso Montero, galeguistas como Paz Andrade ou Carballo e reformistas próximos ao regime como Pérez Varela, é significativa do espaço ideológico alargado que a revista pretende ocupar e que obriga aos seus redactores a moverem-se numha calculada ambigüidade para “respetar la legalidad vigente en el lugar en que se imprime la revista” (*Chan*, 1970, 22: 3)⁴. Esta heterogeneidade tem tamém muito a ver com que *Chan* se reclame continuadora de *La Noche*, a publicação vespertina compostelá que nos anos 50 e 60 acolheu a geração homónima, tal e como reivindica no artigo inaugural da secção “Obradoiro” (nº 4, 7 de Abril de 1969) José Fdez. Ferreiro, membro desta geração e redactor dumha secção originária de *La Noche* que continua em *Chan* juntamente cos “Anacos” escritos por Borobó; di Fdez. Ferreiro numha coluna intitulada precisamente “El espíritu de *La Noche*”:

En CHAN hay mucho de ‘La Noche’, [...]. En ‘La Noche’ han confluído todos. Se han encontrado todos. Han discutido todos con la dialéctica de sus ideas —distintas— que creían justas. Fue la gran ágora de Galicia. Un faro que desde Compostela irradiaba por todo el ancho mundo de la saudade. En CHAN hay mucho de aquel espíritu de ‘La Noche’. Es la continuación de aquella inquietud nueva, juvenil y distinta.

[...] plena fidelidad al espíritu de ‘La Noche’. Aquel gran periódico que dejó de publicarse a finales de 1967. Aquel periódico —estamos seguros— que volverá algún día.

CHAN puede ser el principio (...).

Se a linha editorial de *Chan* quer situar-se na seqüência plural de *La Noche*, o seu objectivo como publicação é converter-se num referente homologável à revista barcelonesa contemporánea *Destino*, ou ao menos assi o afirmava o próprio Borobó em conversaçõs com membros do grupo Galabra no verám de 2001. Quiçá por isso, e devido ao mesmo afám totalizador antes apontado ao falarmos em *Grial* mas tamém à intençom de chegar a um público mais alargado que o visado pola revista de Galaxia, nas várias e inestáveis secções de *Chan* recolhe-se desde a actualidade política relacionada coa Galiza à cultura de massas, desde a economia ao desporto, desde os problemas infraestruturais da sociedade galega ao humor e à política internacional antiamericana. Isto fai-se utilizando preferentemente o espanhol e limitando o uso do galego a alguns títulos de secções que despois serám escritas em castelhano (“Galicia Preto e lonxe, onte, agora...”, por exemplo); à secção “Pensando en Gallego”, a funcionar como umha segunda editorial na nossa língua ao lado da “Editorial” escrita em espanhol; ao humor, e a alguns artigos e ensaios relacionados coa literatura, sempre limitados ao comentário de matérias ou figuras em que

⁴A ambigüidade da *Revista de los Gallegos* é interpretada nalguns sectores do nacionalismo como complacência co regime franquista, sobretudo a raíz da virulenta polémica entre o colaborador de *Chan* Fdez. Ferreiro e o poeta Celso Emilio Ferreiro após a publicação por este de *Viaxe ao País dos ananos*. A crítica do de Cela-Nova ao papel desmobilizador da emigração americana e apoiada por outros colaboradores de *Chan* em oposição a Fdez. Ferreiro, mas principalmente desde o *Correo de Galicia* de Buenos Aires polos sectores nacionalistas do Centro Gallego dessa cidade. Sobre a polémica cruzada, veja-se *Chan* (1969, 13: 47; 14: 2; 15: 41 e 17: 2) e a editorial citada (*Chan*, 1969, 22: 3), como amostra da resposta do enclave nacionalista, “CHAN mostró las uñas” (*Correo de Galicia*, 30 de Out. de 1969: 6) e “CHAN al descubierto” (*Correo de Galicia*, 15 de Dez. de 1969).

esta é a única língua e em dependência da persoa que os elabore: “O estrado dos Mestres” de Otero sobre Noriega “Baixo o signo de Portugal”, a secção sobre “Os poetas de Chan” onde recolhe intermitentemente até o nº 16 umha amostra da produçom poética contemporánea galega (ainda coa incluso do catalám Salvador Espriu traduzido para o galego por Manuel Casado Nieto e umha mostra poética do ourensano Ángel Valente em espanhol), os vários artigos de Alonso Montero ou de Fernández Oxea (Ben-Cho-Shey) sobre a literatura galega fundamentalmente social-realista, a defesa deste último da toponímia galega nom castelhanizada, ou os vários posicionamentos em defesa dumha liturgia cristá em língua galega da parte de figuras como Gumersindo Placer, Alonso Estravis, Manuel Beiras Garcia ou dos militantes da UPG Bautista Álvarez e Manuel María, servem para exemplificar este ponto.

É precisamente a prática e a consideraçom do papel a desempenhar pola língua galega no sistema cultural da Galiza um dos elementos que mais diferencia esta publicaçom face *Grial*. Se a revista do galeguismo culturalista prioriza claramente nas suas páginas o uso do galego e “consente” em acolher colaboraçoms em espanhol sobre temas galegos, no que entendemos como sinal da inestabilidade na demarcaçom dumhas marges sistémicas que se querem fixar no uso exclusivo da língua galega, um *déficit projectivo* (Torres Feijó 2000: 976), pois *Chan*, por seu lado, posiciona-se como umha instituiçom do regionalismo reformista defensora do bilingüismo onde o galego nom constitui a baliza delimitadora da pertença ao sistema cultural galego em construçom, umha *norma sistémica* em palavras do professor Torres Feijó (2000: 970). Assi, nesta publicaçom reclamam-se para a literatura galega produtores em espanhol, como o Cunqueiro do Prémio Nadal de 1968, um Camilo José Cela entrevistado em várias ocasioms ou a um Torrente Ballester igualmente recensionado e entrevistado, alegando em todos os casos a sua orixe e a temática dos seus produtos. Assi se observa nas fichas da “Biblioteca Galega de Chan” onde, a partir da segunda quinzena de Maio de 1969, se resenham livros “escritos por autores gallegos, tanto en la lengua de Rosalía como en la de Valle-Inclán” (*Chan* 1969, 7: 2), e note-se como é Valle a figura prestigiadora invocada, e reclamada, para legitimar este bilingüismo; e tamém nos argumentos fornecidos polo professor Alonso Montero quem, acolhendo-se ao grau de compromisso das obras propostas, inclui “catro volumes redactados inteiramente en castelán” entre os referidos no informe sobre os “Libros en galego no ano 1970” publicado no primeiro número da segunda etapa de *Chan* (1971 34: 31-32):

Trátase de libros comprometidos con Galicia i escritos por quenes entenden, dun xeito ou outro, o idioma vernáculo como fator esencial no desenrolo integral da nosa comunidade. Veleiquí, pois, duas razóns de corpo pra incruirmolos de cheo dentro da cultura galega.

Repare-se como a assunçom do bilingüismo abre a publicaçom a um público maior, nom exclusivamente galego, e ainda como umha das maiores polémicas vividas em *Chan* tem a ver coa possível identificaçom entre a língua galega e um nacionalismo ausente das suas páginas, adscriçom política esta

de que a revista fuje ferrenhamente para defender o “Sano Galleguismo” postulado já no “Editorial” do seu segundo número (7 de Março de 1969); este “Galleguismo” defensor do bilingüismo galego castelhanao, como agora foi apontado, entende a língua galega como um elemento enriquecedor da pluralidade do Estado e apropriado sobretudo para usos próprios do sentimentalismo ou do protesto. E neste ponto, a defesa do galego como língua do povo oprimido (e o castelhanao como elemento mediador nas transferências entre os vários povos do Estado) encontram-se à vontade dos membros do PC como Alonso Montero quem, em entrevista a Antonio Vilaseca publicada na segunda quinzena de Março de 1970 (*Chan* 1970, 25: 33) afirma que:

Galicia ha de desarrollarse fortaleciendo su personalidad, pero sin que ello signifique una renuncia del castellano. El castellano es la llave de Unamuno, Ortega y “El Quijote”; el gallego, la llave de Rosalia, Curros y Pondal. Por otro lado, España debe constituir una unidad perfecta, con respeto al ser de las regiones y conjugando sus variedades. Y, claro, el gallego, aplicado a su terruño, es una realidad gozosa.

Vemos como nas argumentaçõs de Xesús Alonso Montero som referências diferentes a Valle-Inclán as que legitimam o bilingüismo, mas sobretudo vemos como nas palavras que o professor dedica ao galego nom se contempla o horizonte português, tal e como tamém acontece naqueles que, como Ánxel Fole ou o professor luguês Iglesias Alvarellos, defendem desde as páginas de *Chan* um modelo de língua totalmente popularizante referenciado na fala aldeá e se oponhem à codificaçom da RAG por entenderem que esta priva ao galego da riqueza que só fornece a variedade (*Chan*, 1971, 35: 28-29). Contudo, os agentes defensores da aproximaçom lingüística galego-portuguesa tenhem tamém acolhimento nas páginas de *Chan*: tanto o presidente da RAG, Sebastián Martínez-Risco, como Valentín Paz Andrade argumentam em defesa da maior aproximaçom lingüística e cultural galego-luso-brasileira nas entrevistas assinadas por Perfecto Conde Muruais nos números 1 e 30 de *Chan*, respectivamente, mas nengum dos dous alude explicitamente à questom ortográfica, como si o fai o intelectual catalám Baltasar Porcel (*Chan* 1970, 24: 7-8):

Creo que los gallegos haceis un planteamiento lingüístico no del todo útil. [...] Creo que el gallego [...] debe adaptarse a una unificación ortográfica para evitar en lo posible esa tendencia de ir un poco al socaire de la gramática castellana, con formas incluso castellanas, [...]. El futuro de la lengua gallega está en los gallego-parlantes y en los portugueses-brasileño-parlantes y no en un bastión ortográfico del Noroeste de la península.

A soma destas afirmaçõs origina umha editorial em defesa de “O espallamento da cultura galega” publicada em *Chan* em Agosto de 1970 (*Chan* 1970, 32: 8); aqui a redaçom da *Revista de los Gallegos* defende que “un galego pode, sin sair a outro idioma que non sesa [sic] o seu, entenderse con mais de cen millóns de almas” e coloca no Brasil a garantia de “supervivencia da cultura galega” alegando a importância da literatura

brasileira, de economistas como Celso Furtado ou da nova cinematografía feita no Brasil.

De facto, esta referéncia ás virtualidades que a lingua comum ofrece aos galegos de se aproximarem para o cinema brasileiro já tinha sido apuntada na recensom feita por J. A. Porto ao filme “Antônio das mortes” em “Glauber Rocha: un camino viable” de Junho desse ano (*Chan* 1970, 29: 35-36). E o mesmo tratamento vai ser reservado em *Chan* para a música em galego já que, juntamente coa atención prestada ao portugués José Afonso (*Chan* 1970, 30: 36-37), o galego é entendido por Baldomero Cores Trasmonte nas várias entregas da “Sociología de la Nova Canción Galega” (*Chan*, 1971, 35-38) como o elemento que permite a entrada no mercado brasileiro e, por extensom, em todo o mercado latino-americano (*Chan* 1971, 37: 10):

el gallego [...] había sido ya un medio de la cultura de masas en su variante portuguesa o brasileña, y concretamente había alcanzado en **A Bossa nova** y **O Samba** una enorme popularidad. [...] Entre los idiomas peninsulares, a la vista de su posible impacto en el Brasil y su área de influencia, el gallego puede convertirse fácilmente en el primero o el segundo idioma hispánico de la canción ligera (carregado no original).

Estes novos elementos supoñem umha importante innovación repertorial no campo de produçom cultural galega através da incorporaçom de materiais mui caros a um público universitário a que *Chan* está mui atento; público este alimentado polas revistas espanholas como *Destino* ou *Triunfo* e que *Chan* tamém quer para si. *Chan* posiciona-se, pois, ao lado deste público universitário e noticia largamente nos artigos de Baldomero Cores Trasmonte já referidos, ou nos elaborados por Antón Roxo (1970, 22: 47) e Tino Cabanas (1971, 34: 19-21 e 35: 36-38) a polémica entre os defensores da Nova Canción Galega como um elemento popular de reivindicaçom e crítica, e útil para acrescentar a presenza pública do galego, em contra daqueles outros produtores —como Juan Pardo, Júlio Iglesias ou Maria Ostiz— que utilizam apenas algum elemento lingüístico galego folclorizante nas suas composiçoms para seguir umha moda que permite ganhar posiçoms preminentes no mercado discográfico.

É precisamente no tratamento em *Chan* destes campos de nova construçom ausentes nas páginas de *Grial* (como o teatro, o cinema e, sobretudo, a música) onde detectamos um forte elemento diferenciador desta revista face a publicaçom de *Galaxia* e onde o recurso ao referente portugués, ou melhor, brasileiro, está mais presente como indicador das potencialidades que o parceiro do outro lado do oceano ofrece para o protossistema cultural galego.

Conclusom

Estas duas publicaçoms veiculam dous projectos culturais parcelarmente diferentes mas que tenhem em comum o seu interesse pola renovaçom repertorial na Galiza tardofranquista. Em ambas a transferéncia de materiais

lusófonos contribuí decididamente para o pretendido enriquecimento discursivo e as duas se aproveitam da ambigüidade própria dos sistemas em construção. Mas vários som tamém os elementos que diferenciam estas duas revistas: co seu Regionalismo, bilingüismo e a defesa da cultura para um público massivo como o que pretende *Chan*, esta publicação vem ocupar um espaço que o projecto galeguista, monolíngüe e dirigido a um público restrito e elitista como o que visa *Grial* nom vai preencher. Estas duas concepções determinarám em bom grau as homologias e as diferenças entre os dous projectos culturais e o papel que em cada um deles desempenharám as transferências do mundo lusófono, em ambos casos elementos legitimadores e fontes de modernidade quando falamos no Brasil —ainda que utilizando campos tam diferentes como o prestigiado da literatura em *Grial* e os inovadores da música e do cinema em *Chan*— mas com umha carga de essencialismo saudosista presente no referente português de *Grial*, tam caro à Geraçom Nós, que nom se encontra na publicação dirigida por Borobó.

É ao tratar dos campos de nova construção como a música e o cinema quando se verifica em *Chan* a defesa da utilidade que para a Galiza e o galego constitui a integração no sistema cultural luso-brasileiro. Na literatura, por sua parte, som os repertórios social-realistas e popularistas os que tenhem um acolhimento maior na publicação da mam, sobretudo, do professor Alonso Montero. O contrário acontece em *Grial*, o seu carácter conservador no cultural e a defesa dumha cultura elitista marca que esses novos campos sejam esquecidos na publicação de Galaxia e que a literatura seja o género priorizado mas co recurso a materiais clássicos defendidos principalmente polo seu valor estético e nom polas suas supostas implicações na mudança social.

A própria natureza destes dous projectos culturais determina fundamentalmente o futuro dos mesmos. A aposta de *Chan* polos campos em nova construção tam caros ao público universitário e tam decisivos nos anos seguintes nom conseguiu garantir a continuidade da revista. A estratégia desenhada por *Chan* verificou-se como inviável, quiçá pola dificuldade na concorrência com outras revistas espanholas cos mesmos interesses no campo mas que soubêrom gestionar melhor perante o público universitário a ambigüidade com respeito às normas marcadas polo franquismo, ou quiçá simplesmente porque nom foi capaz de formar o público necessário nem conseguir os apoios económicos precisos para a sua sobrevivência. Polo contrário, a estratégia de *Grial* continua a dar os seus frutos ainda hoje; co qual se verifica que a escolha dum público restrito feita pola *Revista Galega de Cultura* e a aposta pola dedicação única ao trabalho cultural e o conseguinte abandono do trabalho político, foi mais sucedida do que a procura de espaço vital numha cultura de massas com demasiados condicionantes económicos, sociais e políticos como para triunfar.

Bibliografía citada

- Chan*. *La revista de los gallegos*. Madrid, Chan S.A.; Raimundo García Domínguez (“Borobó”, dir.), números 1-38. Quinzenal de 22 Fevereiro de 1969 e Setembro de 1970 (nos 1-33). Mensal de Março de 1971 a Julho-Agosto de 1971 (nos 33-38).
- CORDEIRO RUA, Gonzalo e RODRÍGUEZ PRADO, Felisa. “Sistema Literário Galego (SLG) e Mundo Lusófono na Primeira Metade de Setenta: Portugal Para Quê?”. *Actas do VII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. *A Xeración Galaxia*. Vigo: Galaxia, 1996.
- Grial*. *Revista Galega de Cultura*. Codir. Ramón Piñeiro e Francisco Fdez. del Riego. Vigo: Editorial Galaxia, números 23-34 (1969-1971). Trimestral.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*. Edición e revisión das cartas de Tiago Vidal Figueroa. Vigo: Galaxia, 2001.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. “Norma lingüística e intersistema cultural: o caso galego”. *Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera I^{er} Encuentro de Lusitanistas Españoles*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2000. 967-996.
- “Sistemas Emergentes, Intersistemas Culturais: O Estudo do Mundo Lusófono no Sistema Literário Galego”. *Actas do VII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.
- VILLARINO PARDO, M. Carmen. “A conexom cultural galego-brasileira nos inicios da década de 1970 (1971-1974)”. *Actas do VII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.

López-Iglésias Samartim, Roberto. “Portugal em *Chan* e *Grial* como projectos culturais galeguistas: 1969-1971”. *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama. Sada: Edición do Castro / Asociación Internacional de Estudos Galegos (AIEG) / Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), 2007. ISBN: 978-84-8485-266-7. Depósito Legal: C-27912007.